

19º Congresso Brasileiro de Sociologia

9 a 12 de julho de 2019

UFSC - Florianópolis, SC

Grupo de Trabalho: Juventudes, Velhices e Construções Identitárias

Os espaços públicos de Fortaleza como *lugar do laço*: os coletivos de juventude LGBTQI+ e suas intervenções na cidade.

Cláudia Maria Inácio Costa

Universidade Federal do Ceará

Programa de Pós Graduação em Sociologia

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de
Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de
Financiamento 001

Antônio Cristian Saraiva Paiva

Universidade Federal do Ceará

Programa de Pós Graduação em Sociologia

Introdução ao campo: os jovens, os espaços, a cidade.

Pesquisar juventudes é tentar compreender questões estabelecidas no *presente*, os modos de ser, existir e pertencer ao mundo inventado por esse plural de sujeitos. O objetivo deste artigo é compreender como os jovens de quatro coletivos LGBTQI+ de Fortaleza afirmam suas identidades de gênero e sexualidade, bem como suas performances identitárias, através das trocas coletivas vivenciadas no/e em grupo. Nos dedicamos, especialmente entre o segundo semestre de 2018 e início de 2019, ao mapeamento das formas de ocupação dos espaços públicos da cidade de Fortaleza, onde pôde-se identificar quatro coletivos: As Palosinhas, Bloco das Mamadeiras, Fertinha e Carnaval no Inferno. Tais coletivos promovem percursos, eventos e encontros com *rolês* por áreas pouco utilizadas para o lazer/cultura, mas com grande significado histórico para a cidade. São ruas e praças do centro da cidade e bairros vizinhos que, por sua não utilização pela população após horário comercial, passam a vigorar como o lugar do “perigoso”. Além do mapeamento feito através de inserções etnográficas, acrescenta-se o acompanhamento das movimentações virtuais desses coletivos em redes sociais como Facebook e Instagram. Para compreender a dinâmica aqui construída se faz necessário ao leitor o desvelar de algumas indagações: quem são esses jovens? Que espaços são esses? Qual a relação deles (jovens e espaços) com a cidade?

Como ponto de partida de nossa exposição se faz importante esclarecer que, inicialmente, a pesquisa se estruturava em torno do acompanhamento de somente um dos coletivos, o dxs¹ Palosinhas. O nome “Palosinhas”, segundo seus integrantes, vem do termo “dar pala”, expressão que significa algo em torno do “se mostrar”, “chamar atenção”, “ser visto”, assim nos foi explicado pelos membros do coletivo ainda em meados de 2016, quando se iniciou o acompanhamento do coletivo. As Palosinhas se reuniram/conheceram através do contato em uma instituição educacional e pelos vínculos que foram se criando pelas vivências não heterossexuais.

O recorte aqui referenciado é parte de uma pesquisa maior de construção de uma tese de doutoramento, que, por sua vez, foi produto de um projeto de iniciação científica (IC) coordenado pela autora entre os anos de 2016-2017, onde se buscou compreender como são construídas e estabelecidas as relações de gênero(s) no contexto das práticas culturais vivenciadas pelos coletivos de juventudes do bairro Benfica, em Fortaleza².

¹ A utilização do “x” em substituição do artigo “a”/”o” que indica feminino e masculino, respectivamente, no intuito de marcar as posições não binárias defendidas e apresentadas pelos coletivos pesquisados.

² O projeto de pesquisa a que o texto se refere teve financiamento do programa IC-UECE (Universidade Estadual do Ceará) onde a pesquisadora exercia a função de professora substituta e iniciou em agosto

Seguindo os passos dxs Palosinhas, podem-se desvelar algumas características do coletivo, dos jovens do coletivo e dos lugares que eles transitavam/transitam. O coletivo é composto por um grupo diverso em relação ao número e vivências, assim como quanto ao gênero e a sexualidade de seus integrantes. Elxs se reuniam, inicialmente, diariamente ao fim do dia nos bosques do Centro de Humanidades da Universidade Federal do Ceará³ e nas praças próximas ao campus da Universidade, no mesmo bairro. Os encontros eram para conversar amenidades e trocar as experiências vividas durante o dia, na escola, faculdade, vida familiar, além de debater, de forma bem livre, assuntos do cotidiano político e social. No momento das aproximações iniciais, uma das jovens (a escrita se dá assim porque ela mesma se identifica como mulher cis lésbica) nos apresentou seu trabalho artístico, que vendia para sua rede de relações interpessoais, segundo ela, coisa necessária para a sobrevivência deles. Inclusive para ajudar nos “rolês” incursionados por elxs na cidade.

Uma característica que nos chamou atenção foi o lugar de origem de todxs elxs (tanto social como geográfico). Foi-nos relatado, em um levantamento feito, inicialmente, por meio de entrevista semi estruturada⁴, que todxs pertencentxs ao coletivo residiam com suas famílias nucleares em bairros da periferia de Fortaleza, distantes do local onde elxs se reuniam e dos pontos de encontro para os “rolês de lacração”⁵. Os bairros onde acontecem os “rolês” localizam-se mais ao centro da cidade, são bairros bem tradicionais, o Benfica, por exemplo, é um bairro universitário e seus moradores são, predominantemente, de classe média. Outra característica que nos chama a atenção relaciona-se ao perfil social, todxs do coletivo, sem exceção, são de famílias que ainda são ou já foram beneficiárias do Programa de transferência de renda Bolsa Família. Elxs relatam que, durante o período que estudaram no ensino fundamental e parte do ensino médio, eram beneficiários do programa. Além disso, os que já estavam na universidade no momento do primeiro contato, adentraram no ensino superior através da política de cotas ou eram beneficiários de programas de acesso ao ensino superior como o PROUNI (Programa Universidade para Todos). Ao retomar o contato com o coletivo, já em 2018, foi relatado que todxs estavam no ensino superior público, acessando-o através da política de cotas.

de 2016. Durante seu desenvolvimento foram mapeados os coletivos existentes em um único bairro, o Benfica, bem como foi feito contato com seus integrantes para coleta de dados.

³ O Centro de Humanidades da UFC fica localizado no bairro Benfica, em Fortaleza, lócus inicial da pesquisa, como já fora mencionado, e se apresenta como referência para o local, tendo em vista o grande fluxo de jovens e o ambiente “mais livre”, como citado pelos interlocutores em algumas conversas.

⁴ Essa entrevista refere-se ao primeiro momento da pesquisa, ainda na fase de coleta para o projeto de IC, que antecedeu o projeto para o doutorado na UFC.

⁵ Esta expressão será utilizada como referência ao que podemos chamar de *modus operandi* e estilo de incursões nos espaços públicos da cidade, realizados pelo coletivo a que se referencia.

Além das características já descritas, acrescentamos o fato de que a maioria do coletivo se auto declarou negro e/ou pardo, demarcando um lugar de fala e imagem. Soma-se a isso, a construção coletiva⁶ das descobertas e desconstruções sobre suas sexualidades. A junção dessas demarcações irão pautar as falas, ações e percurso criativo do coletivo apresentado, bem como os sentidos dados e utilizados para se trilhar os percursos desta pesquisa.

No esteio do que já foi escrito e descrito, entendemos que esta se configura como uma pesquisa que se constrói há um tempo, contudo e no compasso de seu objeto, se redescobre em cada novo olhar, experiências e trilhas apresentadas pelos atores que dão vida ao trabalho. Neste sentido, os percursos metodológicos aqui traçados se desvelam como passos que se fazem junto ao objeto e que, numa perspectiva bourdieusiana, não se construíram de forma instantânea. Ao contrário, são eles resultado de longas trilhas pessoais, profissionais e de militância política, que revelam mais que apenas uma escolha por um objeto, é na verdade um olhar sobre a vida e o viver, sobre o que se percebe e aprende no caminho, são jogos de sentido que se fazem objetivamente através da competência das tessituras metodológicas em torno de e sobre o objeto.

As estratégias metodológicas elaboradas para a construção da pesquisa aqui apresentada são norteadas de caminhos possíveis e, também, novas necessidades que se apresentam durante a caminhada, devendo munir-se de métodos que acabam por dar o tom da investigação. Para tentar elucidar as questões postas sobre a pesquisa e o campo, além de alcançar os objetivos traçados, é utilizada uma prática genuinamente antropológica, a etnografia. Somada a ela, utilizou-se, como já descrito acima, técnicas de cunho qualitativo, contudo, são nas conversas além “bastidores da pesquisa”, são nos diálogos subterrâneos que temos encontrado os fios que nos conduzem nesta caminhada instigante dos jovens em seus coletivos, além de conexões que estão sendo desenhadas em campo, especialmente no que concerne à relação dos usos dos espaços públicos e a gestão pública deles.

Etnografia não se configura somente como o ato de descrever determinado grupo social, utilizada, dentre outras coisas, para revelar e/ou interpretar significados de pequenos grupos pesquisados. Sua prática é definida, segundo Geertz (2008), a partir do “esforço intelectual” que se propõe, se arrisca fazer em busca de uma “descrição densa” sobre o que se propõe estudar. A partir da definição de “descrição densa” apresentada por Gylbert Rayle, Geertz irá apresentar o que seja o objeto da etnografia

⁶ Aponta-se como construção, porque é no coletivo que, mais do que se descobrir, elxs foram socializando suas angustias, curiosidades, dúvidas acerca de suas sexualidades e sobre um *estar no mundo*.

(...) uma hierarquia estratificada de estruturas significantes em termos às quais os tiques nervosos, as piscadelas, as falsas piscadelas, as imitações, os ensaios das imitações são produzidos, percebidos e interpretados, e sem as quais eles de fato não existiriam (nem mesmo as formas zero de tiques nervosos as quais, como categoria cultural, são tanto não-piscadelas como as piscadelas são não-tiques), não importa o que alguém fizesse ou não com sua própria pálpebra. (GEERT, 2008, p.5)

Portanto, aqui se apresenta o que já se está empreendendo e se constituindo na tentativa de compreender, interpretar e descrever densamente as estruturas encontradas em campo. Neste ponto relata-se o que já foi construído em campo, como forma de reflexão, exposição e ligação para o diálogo a ser traçado sobre as novas possibilidades apontadas pelo campo e seus interlocutores, a fim de esclarecer como se chegou ao patamar que ora apresentamos como constructo da pesquisa. O entrar em campo, neste caso da relação com o objeto, um “entrar novamente” foi definidor dos caminhos a trilhar na pesquisa. Já existia um contato a priori com os interlocutores, como já mencionado, devido às prévias de campo ocorridas em 2016-2017, inclusive contatos estabelecidos para além do campo, contudo, houve um hiato entre as primeiras trocas e percepções do/em campo e o retorno para a pesquisa. Um período de um ano onde a dinâmica de vida dos interlocutores (o coletivo a que se propôs estudar inicialmente) e o território se dinamizaram e modificaram completamente. Em outubro de 2018, com o retorno ao contato oficial com o campo, houve uma conversa com um dos interlocutores que apontou as novas dinâmicas, o que seria um novo desafio, visto que a partir de então haveria de modificar algumas questões da pesquisa e ampliar o número de coletivos a serem inclusos na investigação. Isso ficou registrado em diário de Campo que considero importante apresentar, visto ser um divisor de águas e um explicativo da ampliação dos coletivos a serem contemplados na pesquisa.

Durante a conversa João foi me apontando sobre as novas dinâmicas de vida de cada um delxs. As Palosinhas não se reúnem mais como antes, se matem como coletivo em dimensão afetiva, contudo, seus encontros estão cada vez mais escassos por conta da nova realidade delxs. Todos estão na universidade, sendo que uma de suas amigas está na Paraíba, o que, segundo ele foi uma separação dolorosa, pois conviviam diariamente e a saudade é grande. Mas sentem-se felizxs pelas conquistas, todos estão em universidades públicas (UFC, UECE e UFPB) o que tornou mais difícil os vespertinos encontros diários no bosque da arquitetura (local onde encontrei elxs na primeira vez). Durante a conversa também me foi revelado que As Palosinhas (alguns de seus integrantes) estão seguindo com projetos alternativos e se “chegando” a outros coletivos que congregam de suas ideias de mundo. E me foi citado o nome de alguns que eu já conhecia (O coletivo Carnaval no Inferno e o coletivo A Fertinha, o Terroristas Del amor). O que realmente há participação efetiva das Palosinhas é o Carnaval no Inferno e o Terroristas, não conversamos sobre a proposta deles porque João não soube me dizer ao certo, mas me informou que os eventos promovidos por eles são formas deles – Palosinhas – se encontrarem. A dinâmica mudou, as realidades são outras,

o coletivo se expandiu e terei que rever minhas estratégias e meu próprio objeto. (Diário de Campo, 09/10/2018)

As novas aproximações com o campo fizeram com que fossem revistas as estratégias a se utilizar para a pesquisa, contudo, manteve-se a observação inicial, mas foram ampliados os espaços a serem observados. Adentrou-se no ambiente virtual também, um espaço novo (para a pesquisadora) e desafiador como campo de pesquisa. E isso se deu por ser um dos meios que foram apontados para a reaproximação com os coletivos. Após a conversa aqui relatada em Diário de Campo, em outubro de 2018, adentrou-se (aceita) no perfil privado das Palosinhas no Instagram. A maioria dos perfis dos integrantes do grupo são públicos, mas existe um perfil “afetivo” que se matem privado somente para eles e amigos e adentrou-se, com o aval de todxs, como seguidora. Esse “jogo” de relações no campo é estabelecido pelo pesquisador (BOURDIEU, 2011), a linguagem e todo nosso capital cultural entrarão em cena para construir estabelecimentos que versarão sobre a capacidade empática do pesquisador em adentrar e tocar, respeitosamente, o mundo do pesquisado. O domínio teórico se mostra imprescindível, mas há de se ter uma certa sensibilidade ao olhar e tocar o mundo do outro a ser desvelado, essa relação respeitosa e de confiança a se construir irá ditar até onde é possível se chegar. Entrar em um ambiente virtual tão precioso e restrito para os interlocutores se mostrou crucial para o caminho que se reiniciou a ser trilhado naquele momento. Este contato inicial proporcionou, também, os apontamentos dos territórios a serem observados inicialmente. E aí se iniciou a observação participante – que se faz a partir da aproximação com o grupo pesquisado, inserindo-se nas suas atividades cotidianas a fim de capturar maiores detalhes das teias relacionais que se tecem no conjunto de situações vivenciadas.

Assim, foi possível acessar os novos espaços utilizados tanto pelxs Palosinhas, como pelos outros coletivos que se apresentaram ligados de alguma forma às vivências dxs Palosinhas. Desta forma, o novo campo (espaços públicos) que se está sendo explorado, inicialmente, são os lugares apontados pelos jovens da pesquisa que deu origem a essa proposta de estudo e dos que foram apontados posteriormente pelxs interlocutorxs da pesquisa já em andamento. Além das ocupações dos espaços públicos do bairro Benfica com especial atenção à rua que abriga o chamado “Gato Preto”⁷, esses jovens percorrem espaços do centro da cidade (especialmente a Praça dos Leões) e a Praia de Iracema, com destaque para o Dragão do Mar, Poço

⁷ Gato Preto é um bar, mas que deu origem a outros bares que ocupa uma pequena rua próxima aos prédios da Universidade Federal do Ceará e é freqüentado especialmente por alunos da universidade e jovens queer da cidade. Tem esse nome por ser uma rua com bares de paredes todas pretas e muros em tons escuros. As atividades/funcionamento são quase que diários, excetuando as segundas e terças. É um lugar onde se pode encontrar os membros de todos os coletivos aqui pesquisados e onde eles promovem, em algumas ocasiões, eventos temáticos para o público LGTQI+.

da Draga, Rua dos Tabajaras e uma faixa de praia próximo ao Estoril intitulada por uma integrante dxs Palosinhas de “Praia dos Crush’s”⁸.

As discussões sobre as sexualidades vividas por esses jovens, as identidades de gêneros, bem como o lugar e significado de seus corpos no mundo sempre foi das conversas predominantes em seus ciclos, desde os primeiros contatos. Isso não se mostrou diferente na interlocução com os outros coletivos, ao contrário, esse acaba por ser o mote das ações empreendidas pelos coletivos, é por esse viés, do corpo no mundo, que se ocupa e estabelece-se uma ação com os espaços públicos da cidade de Fortaleza. Relação essa que já foi apresentada por eles em uma conversa em um equipamento da Secretaria de Cultura da cidade de Fortaleza. Abaixo, transcrevo a chamada feita por elxs em seu perfil do Instagram para a conversa em maio de 2018.

“Neste sábado (26), às 14h, a nossa bloca Carnaval no Inferno volta das cinzas para participar do ciclo de conversas da obra “Desculpe a paz que lhe Roubei”, na casa do Barão de Camocim, premiada pelo último Salão de Abril! A ideia é performar conversar sobre a história da bloca, de cada uma das demônias que fazem o babado acontecer e de nossa relação com essa cisheterocidade. E depois disso tem Inferno nos fundos da casa! Vamo lembrar a quem pertence aquele casarão?” (Instagram Carnaval no Inferno, 25 de maio de 2018)

Contudo, devido ao arrefecimento das forças conservadoras que colocaram em cheque muitas conquistas democráticas nos últimos tempos, notou-se que os *rolês* começaram a se fazer com um teor político mais forte referente às lutas e defesa dos direitos LGBTQI+, pautada pelas polêmicas e ataques sofridos por esse público nos últimos anos. Isso é percebido em suas performances gestuais, vestimenta, frases de efeito nos cartazes, lambe-lambe e os textos de chamada nas redes sociais que anunciam os *rolês*. Estas performances politizadas, que demarcam suas expressões de gênero e sexualidade, intituladas de *lacre*, se realizam nas ruas e praças da cidade.

A juventude que se faz *corpo* nos espaços públicos

Entendemos que, associado ao recorte analítico geracional, se incorporam ou interseccionam inúmeras outras categorias que refletem as inquietações contemporâneas sobre as relações estabelecidas no mundo, tais como as identidades sexuais e de gênero, classe, raça/cor. Por ser uma pesquisa que se insere no movimento das relações da cidade em seus

⁸ A Praia dos Crush é uma faixa de areia da chamada Praia de Iracema, que fica localizada em um ponto já final da extensão turística do calçadão. Por ser mais escondida, anteriormente era freqüentada por jovens LGBTQI+, que poderiam vivenciar seus afetos de forma mais livre e sem a vigilância moral da sociedade, assim como estava longe dos olhos da polícia que faz a ronda no calçadão. Segundo uma das integrantes dxs Palosinhas, elxs quem deram o nome “Crush” para aquela extensão da praia, por ser um lugar de “pegação”, de “encontro”, da “paquera” entre elxs. O nome se popularizou, o lugar ficou conhecido como reduto LGBTQI+ e hoje é muito freqüentado por jovens de toda a cidade, tendo inclusive intervenção do poder público e presença de policiais de forma constante, o que tirou a “liberdade” que havia até meados de 2015-2016.

espaços públicos e ter como foco sociabilidades juvenis LGBTQI+, é importante demarcar aqui que tal investigação se faz em um processo de constantes conciliações e rupturas, inseridas em um contexto que desafia e interpelam novas e antigas lutas por liberdade, democracia e defesa dos Direitos Humanos. O objeto aqui apresentado é alvo de investidas conservadoras que se apresentam de forma voraz nos últimos anos, não cabe aqui, ainda, uma discussão aprofundada sobre esta questão, contudo se faz importante demarcá-la para o entendimento da discussão a se empreender.

As intersecções entre juventudes, gênero(s), sexualidade e as representações construídas a partir dessas dimensões apresentam-se como a dinâmica central do campo desta pesquisa, perfazendo ritmos e significados fluidos, com demarcações que extrapolam os limites dos corpos, adentram e se confundem com os espaços urbanos. Compreendemos aqui o espaço público urbano (a cidade) como um lugar que se constrói e configura a partir de um pluralismo intercultural (RAMOS, 2008). Contudo, as vivências estabelecidas pelos habitantes de uma cidade, por vezes, destitui seus cidadãos ou esquecem que existe essa pluralidade. Interessante notar, em transcrição já apresentada acima, a forma como os jovens de um dos coletivos (Carnaval no Inferno) denomina o espaço público urbano de “cisheterocidade”. Assim irá chamar a cidade de Fortaleza em todas as suas chamadas. Não é à toa, a marcação normativa de um comportamento identitário e sexual de uma cidade é sintoma do sentir dos corpos jovens que a habitam, no caso, os corpos dos jovens aqui estudados.

Esses corpos que se colocam nas ruas da cidade através de performances e estilos da *lacração* são construções e experimentações sensoriais da imersão desses jovens no mundo, um mundo que não necessariamente se refere ao sentido expansivo do globo, mas o mundo que se habita, a realidade que se vive: a cidade. Para Le Breton (2016), não há outra alternativa para o homem senão experimentar o mundo e as alternativas que se lhe apresenta nele. Para o autor, o pensar é antecedido pelo sentir, esse corpo se constrói entre uma relação constante do sentir-se a si e as coisas. A tomada de consciência de si do indivíduo se dá pelo sentir, é uma tomada de consciência através das experiências e sensações que atravessam sua existência no mundo. Há um “a priori” do ser, ele não se estabelece por si só, mas através de sensações que se estabelecem no mundo antes, com e a partir dele.

A percepção (do mundo, de si) se constrói através da formação intelectual, social, cultural do indivíduo. Neste sentido, a percepção se dará através da “interpretação” que o homem faz do mundo e de si mesmo, habitando esse mundo, a partir da ligação que se faz da sua história pessoal a sua educação (LE BRETON, 2016). Assim, o autor afirma que

O corpo é a condição humana do mundo, este lugar onde o fluxo incessante das coisas se detém em significações precisas ou em ambiências, metamorfoseia-se em imagens, em sons, em odores, em texturas, em cores, em paisagens etc. O homem participa do vínculo social não só por sua sagacidade e suas palavras, por seus empreendimentos, mas também por uma série de gestos, de mímicas que concorrem à comunicação, pela imersão no seio dos incontáveis rituais que escandem a cotidianidade. (LE BRETON, p. 13, 2016)

No esteio deste pensamento, compreendemos que a forma como os jovens dos coletivos colocam, apresentam e afrontam seus corpos na cidade se constrói como um meio de criar novos símbolos no sentido de dar espaço e voz para seus corpos, cotidianamente escondidos e reprimidos por uma sociedade que se pauta como eles mesmos expõem em suas expressões lingüísticas, em uma “cisheteronormatividade”, que se dissemina, entre outros espaços e meios, pelas formas de sociabilidade da cidade e seus espaços públicos. As formas de usá-los (tomemos como exemplo os banheiros públicos), quem pode usar, quem pode caminhar e em que horário é possível transitar (vide o caso dos corpos femininos/transfemininos e onde é ou não “lugar de mulher”). São constructos sociais, são símbolos disseminados, são sentidos atribuídos e sentidos que se expressam nos corpos, nas ruas e em seus entrelaçamentos.

Os jovens promovem uma subversão aos/nos sentidos atribuídos pela sociedade em relação às normatividades afetivo sexuais e em relação aos gêneros construídos de forma binária e estabelecida, algo posto antes deles, vivenciados e sentidos por eles, contudo, estranhado e questionado por eles. Corpos invisibilizados e/ou exterminados que, no silenciamento, foram se constituindo como outras formas de ser, existir e dar sentido ao e no mundo. Essas (des)construções se apresentam de forma emblemática na estética de seus corpos e na lingüística fortemente redirecionada e refeita para suas necessidades de expressar ao mundo suas ideias de si e sobre o próprio mundo.

Convocamos as demônyas amiguinhas para o primeiro CARNAVAL NO INFERNO de 2019! Mundo se acabando e a gente manda nessa porra! Domingo (27), o nosso culto dá início à concentração vyade sapatánika transvestygênere vadya e demonýaca no bar The Lights, a partir das 14h. Depois saímos de bonde, sarrando atrás do InfernoSoundSystem pelas ruas do benfica-centro com muita música de louvor, purpurina e baixarya revolucionária..

(...)

AVISA: Nós não toleramos atitudes coniventes com a heteromáquina racista e cissexista. Logo, se você perpetuou alguma dessas práticas (ou se você passou pano), não será bem-vindo. Ou seja: assédio, transfobia, blackface aqui não, vai sair na vuadora! (Facebook Carnaval no Inferno, 25 de janeiro de 2019).

Em mais uma chamada, agora da página oficial do coletivo “bloca”⁹ Carnaval no Inferno no Facebook, confirmamos a estética lingüística criada pelos coletivos. Assim, as chamadas dos eventos sempre são acompanhadas por imagens/cartazes/fotos produzidas pelo próprio coletivo e seus parceiros, membros de outros coletivos de juventude. Essa interação juvenil interseccionada pelos gêneros, sexualidades e (como apresentado na chamada e no início deste trabalho) raça/etnia, nos faz refletir, também, sobre o papel específico dos corpos juvenis na sociedade.

As linhas de investigação dos autores acerca da discussão sobre corpo são variadas e se instituem, também, como reflexo das inquietações que oscilam em importância e visibilidade de acordo com as agendas estabelecidas a cada época. Contudo, essas agendas são construídas em cima de questões apresentadas pelos interesses mercantis do sistema. Como exemplo disso, podemos tomar os estudos de Ferreira (2009) que vai em outra vertente da já apresentada, onde, na relação juventude e corpo, ele expressa os significados atribuídos e construídos sobre o ser jovem no mundo contemporâneo. Para ele, “o ‘corpo jovem’ constitui uma figura de referência e reverência para as mais velhas gerações” (FERREIRA, 2009, p.164), trazendo a interpelação sobre as imagens que são construídas sobre o “ser jovem”, que se faz muito mais na imagem e em estilos de corpos e modos de vida, do que no fator juventude como criação geracional.

A “juventude” ou a “idade jovem”, enquanto fase da vida, é de fato um tempo socialmente construído, porém codificado no corpo. Uma fase de transição que dura cada vez mais tempo e que se tenta que perdure, considerando as atuais promessas mercantis de juvenilização dos corpos. Em última instância, é-se jovem quando se começa a parecê-lo, e transpõe-se a condição juvenil quando se deixa de (conseguir) transparecê-lo. (FERREIRA, 2009, p.164)

O signo da juventude apresenta-se como forte motivação para as ações transgressoras dos corpos aqui estudados. Ou, pelos menos assim os representa, o fato é que tais coletivos não denotam características intergeracional. Contudo, a estética desses corpos divergem do estabelecido pelas relações mercantis, como apontado pelo autor. Ao contrário, essa é outra ideia a que se opõe os coletivos, apesar de nas incursões em campo, percebê-la como contraditória e confusa. Ao mesmo tempo que se opõe as normatizações mercantis do corpo jovem, eles produzem novos signos e formas que são, também mercantilizados. A exemplo, temos as festas promovidas por elxs, que se tornaram objetos de consumo do público underground da cidade, havendo, inclusive, interação intergeracional.

Seguindo o pensamento de Ferreira (2009), o consumo das festas promovidas pelos coletivos ultrapassa a fronteira do lazer e novidades em torno

⁹ Os membros do coletivo se autodenominam “bloca”, inversão lingüística constantemente utilizada por todos os coletivos estudados, que pronunciam e escrevem as palavras preferencialmente no feminino ou utilizando consoantes como “x” ou “y” para demarcar a ideia de “não binarismo”.

de novas ocupações dos espaços públicos, é o consumo de estilos jovens de sociabilidade. A partir disso, inferimos que tais coletivos expressam mais uma das múltiplas expressões do ser jovem ou das sociabilidades juvenis. Seus corpos são signos compostos por intersecções que muito tem a falar e interpelar a sociedade constroem, assim, seus estilos ou culturas juvenis de forma particular (dada as expressivas e criativas sociabilidades), mas também plural, considerando o território da diversidade demarcado por suas estéticas e posicionamentos políticos.

Desta forma e também compreendendo as diferentes expressões e ideias contidas em um mesmo termo (juventude), Pais (2003), através de uma reflexão semântica e ao mesmo tempo sociológica da palavra, afirma que

(...) a juventude tanto pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por indivíduos pertencentes a uma dada fase da vida, principalmente definida em termos etários, como também pode ser tomada como um conjunto social cujo principal atributo é o de ser constituído por jovens em situações sociais diferentes entre si. (PAIS, 2003, p. 44)

Em suas investigações sobre os jovens e suas trajetórias Pais lança mão de um elemento utilizado por alguns sociólogos da juventude para (tentar) compreender as formas de sociabilidades entre as juventudes, falo do termo e/ou conceito de culturas juvenis. A partir de sua utilização, pretende-se compreender as relações e valores “socialmente atribuídos” aos jovens, bem como as relações e valores construídos por esses jovens.

Por *cultura juvenil*, em sentido lato, pode entender-se o sistema de valores socialmente atribuídos à juventude (tomada como conjunto referido a uma fase da vida), isto é, valores a que aderirão jovens de diferentes meios e condições sociais. (PAIS, 2003, p. 69)

Assim, o que a perspectiva de cultura juvenil tentará elucidar são os modos de vida, sociabilidades, as “práticas quotidianas” (PAIS, 2003) que esses jovens constroem entre si e com o mundo que os cerca. As sociabilidades, as “práticas quotidianas” construídas pelos coletivos aqui estudados, passam completamente pela necessidade de existir de seus corpos em uma realidade que os tem como “fora do eixo”, “desvio da reta”, para usar alguns termos escutados aleatoriamente em campo. Esse “estar fora do corpo comum”, apresentado como natural pela sociedade, está longe de ser algo a se esconder, ao contrário, as sociabilidades desses jovens os apresentam como suas vitrines para o mundo, as demarcações de seus gêneros e sexualidades são amplamente construídas (também) em seus corpos e expostos em performances que ocupam as ruas, praças e praias da cidade.

Jovens corpos da *lacração*

É nesse esteio que se faz a relação com as categorias gênero e sexualidade. Compreende-se que essas categorias se interconectam, atribuem

significados e constroem identidades junto às juventudes, sendo elas próprias elementos de construção das relações sociais.

Deste modo, a discussão tecida sobre a categoria gênero foge da restrição histórica da lógica binária homem/mulher em que se estrutura seu conceito clássico, elemento claramente demarcado na escrita, falas e corpos dos coletivos de jovens aqui estudados. As demarcações dos espaços ocupados pelos jovens, suas relações, como elas se estabelecem e se constroem ao longo do tempo, seus significados e representações para a sociedade e para os protagonistas deste processo são questões relevantes à reflexão sobre as nossas dinâmicas sociais, por vezes conflituosas, e que se apresentam a partir de representações de uma democracia (racial/étnica, de gênero, sexual e social) que se desconstrói com a imposição de uma “hierarquia de gênero e a heterossexualidade compulsória” estabelecida como hegemônica em nossa sociedade, como aponta Butler (2015) em suas reflexões.

Em uma construção histórica da abordagem da categoria gênero, podemos utilizar as questões levantadas por Scott, que, constitui suas formulações a partir de uma definição desmembrada em duas partes que irão se desenvolver em outras subpartes.

O núcleo essencial da definição baseia-se na conexão integral entre duas proposições: o gênero é um elemento constitutivo das relações sociais baseadas nas diferenças entre os sexos, e o gênero é uma forma primeira de significar as relações de poder. As mudanças na organização das relações sociais correspondem sempre à mudança nas representações de poder, mas a direção da mudança não segue necessariamente um sentido único (SCOTT, 1995, p. 21).

Além dessa definição, ela aponta que irão coexistir quatro elementos que se relacionarão. O primeiro diz respeito aos símbolos culturais que irão construir múltiplas representações do gênero; em segundo ela fala dos conceitos normativos que irão pautar as interpretações dos sentidos dos símbolos, limitando suas “possibilidades metafóricas”; o terceiro aspecto é evidenciado pela pesquisa histórica que, segundo Scott, tenta “explodir” a noção de fixidade, assim, tentando elucidar a origem do debate ou da repressão que leva a uma aparente representatividade contínua da ordem binária de gênero; no quarto aspecto ela irá estabelecer o debate sobre a “identidade subjetiva”.

Conferências estabelecem distribuições de poder (um controle ou um acesso diferencial aos recursos materiais e simbólicos, o gênero torna-se implicado na concepção e na construção do poder em si). O antropólogo francês Maurice Godelier formulou isso desta forma: “não é a sexualidade que produz fantasmas na sociedade, mas, sobretudo, a sociedade que fantasma na sexualidade, o corpo. As diferenças entre os corpos que são ligados ao sexo, são constantemente solicitadas para testemunhar as relações e fenômenos sociais que

não tem nada a ver com a sexualidade. Não só testemunhar, mas testemunhar a favor, isto é, legitimar”. (SCOTT, 1995, p. 22 e 23)

A reflexão feita por Scott aponta para uma ampliação do estudo sobre gênero, o colocando como “meio para decodificar o sentido e de compreender as relações complexas entre diversas formas de interação humana” (SCOTT, 1995, p. 23). Ultrapassando a noção binária de gênero e abrindo espaço para análises no campo das representações e relações estabelecidas pela e na sociedade. Além disso, traz uma reflexão que nos é necessária para pensar as relações dos corpos jovens dos coletivos de juventude estudados, que diz respeito às legitimações das relações e fenômenos do gênero. O termo gênero, segundo Praun (2011), é muito complexo e irá se definir e redefinir de acordo com os contextos históricos, sociais e políticos em que se insere. Portanto, as legitimações em torno do que se afere por gênero na sociedade perpassa toda a gama de relações de forças e poder subjacentes a nossa existência enquanto seres em constante relações de sociabilidade.

Essa complexidade e ampliação é bastante trabalhada na obra de Judith Butler. Utilizando-se da genealogia foucaultiana, Butler (2015) levanta questionamentos (mais do que os responde) sobre as “apostas políticas” que irão designar origem e causa de categorias de identidade, efeito do que se estabelece via instituições, práticas e discursos. Sua intenção é questionar o que vem chamar de instituições definidoras: o falocentrismo e a heterossexualidade normativa.

Um de seus questionamentos, que é válido como um dos pontos a se pensar na caminhada desta pesquisa – visto que muitos dos interlocutores estão passando por transições de gênero -, é levantar a reflexão sobre o “ser mulher”. Ela questiona se isso se constitui enquanto “fato natural” ou se seria uma naturalidade posta através de “atos performáticos discursivamente compelidos”. Para ela, talvez isso seja o produtor do que vem a ser significado como corpo no interior das categorias de sexo. Esse questionamento/reflexão pode ser válido para o “ser homem”, o “ser trans” e os demais gêneros que assim se proporem a se constituir. O fato é que a construção do corpo no interior das categorias de sexo, de acordo com Butler, se faz – também, e não somente – através do discurso. E é justamente o discurso que irá construir as tramas das disputas e lutas empreendidas pelos coletivos aqui estudados.

Nas incursões em campo, pode-se observar que os coletivos, transpassados pelas intersecções de gênero, sexualidade e geracional trazem marcadamente em seus corpos e performances a expressão de suas lutas sociais, políticas e estéticas. O corpo também constrói, assim como é alvo dele. Há muito tempo a categoria juventude vem sendo alvo de investigações que apontam múltiplas faces de intercruzamento, falo da sociologia, lugar desta construção, mas esta se apresenta como uma categoria de variadas

interpretações em muitos espaços do conhecimento. O campo vem reafirmar essa multiplicidade, no quesito estético e político, há uma forte inclinação a utilizar tantos os espaços como as atividades neles realizadas como forma de protesto (relativizando bem esta palavra) aos ataques sofridos nos últimos tempos em relação aos direitos da comunidade LGBTQI+ no Brasil.

Os ataques são da ordem do que fala Scott (1995), assim como Butler (2015), dos discursos que se estabelecem na sociedade e se colocam no esteio do conflito, ocupando a dinâmica do dia, no sentido que se tornam visibilizadas questões supostamente superadas no âmbito jurídico dos Direitos Humanos. Falamos tanto das questões relativas às mulheres como dos direitos da comunidade LGBTQI+. Isso se apresenta no tocante à condenação de corpos, gêneros, sexualidades politicamente dominadas, emergindo discursos conservadores que retomam ideias e ações de violência e exclusão social desses atores.

Os protestos engendrados pelos coletivos de juventude se fazem em forma de deboche e muito bom humor em relação a toda a pauta de retrocesso que vem sendo profundamente difundida, especialmente com o advento do atual governo brasileiro. Como exemplo, podemos citar a denominação de um dos coletivos mapeados, surgido no final de 2018, e que traz em sua denominação uma notícia falsa (fake news) amplamente difundida pelos eleitores do atual governo acerca da distribuição de mamadeiras com teor sexualizantes. O nome do coletivo é “Bloco das Mamadeiras” e seu símbolo é a tal mamadeira propagandeada pelas fake news. Já o coletivo “Carnaval no Inferno” faz suas intervenções em períodos espaçados, percorrendo ruas do centro da cidade, e cada *rolê* traz um tema relacionado à luta dos direitos LGBTQI+ e/ou algum fato controverso de ataques a estes direitos. Uma das intervenções, ocorrida em dezembro 2018, logo após a eleição do atual governo, trouxe para as ruas o tema da liberdade dos corpos (femininos, trans, lésbicos, travestis, entre outros). Em uma de suas postagens no Instagram, o bloco das Mamadeiras apresenta de forma aberta, firme e em tom de deboche seu posicionamento.

O ano em que a FakeNews ganhou as eleições se foi. Agora é 2019. Mas ele tá na presidência do país.

Bloco das Mamadeiras é uma proposta de bloco que traz para o centro do debate as FakeNews. Mais especificamente as utilizadas para desacreditar as políticas públicas LGBTs.

Não seremos bode expiatório para o fascismo. Mas nem por isso deixaremos de debochar deles.

Então, cola nesse bloco, segue nas redes, que se a mamadeira é de piroc@...então...”Mamãe eu quero mamar!” Em breve divulgaremos as novas datas. A mamata não vai acabar. (Instagram Bloco das Mamadeiras, 2 de janeiro de 2019).

O deboche aparece como o meio pelo qual a criatividade contestatória se estabelece. Contudo, as ações são tidas como *lacrção*. A *lacrção* apresenta-se como um estilo, uma cultura construída para além do deboche. O termo é comumente cunhado pelos jovens do coletivo para denotar ações, formas de aparecer ou mesmo formas de resistir que se estabelecem tanto no cotidiano real de suas relações diárias, suas ações coletivas ou mesmo nas redes sociais ao se opor de forma incisiva a questões que permeiam o mundo LGBTQI+. A palavra *lacrção* no mundo queer denota a ideias de bem sucedidx, de “arraso”, “mandar bem”, “sucesso”.

A ideia da *lacrção* insere-se nas correlações de forças aqui já apresentadas, no sentido que perfaz um caminho de *transformação* de signos (corpos jovens na/da cidade) e contestação de normas estabelecidas e que se apresentam em constantes disputas na sociedade. É uma contra-ação a uma ação estabelecida pelo outro. Se pensarmos através de uma ótica foucaultiana, o poder se apresenta como disputa justamente por não ser uma “prioridade” estabelecida, mas uma “relação” que define focos ou pontos de lutas a serem estabelecidos, lugares do conflito. (Foucault, 1975).

As disputas são no campo da ordem dos discursos estabelecidos, que constroem convenções concebidas por quem o domina. Para Foucault, há uma hipótese que se apresenta

(...) suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, p. 8 e 9, 2009).

É nesta ordem que se estabelece as relações de força em que se insere as práticas de *lacrção* conferidas aos coletivos aqui estudados. Mas não somente a eles, é comum ouvirmos este termo, especialmente atribuídos aos atos de sujeitos pertencentes ao mundo queer. Estabelece-se uma linguagem dentro do que podemos chamar de produção das resistências que se constroem através de práticas criativas, artísticas e bem humoradas por parte dos coletivos de juventude. A *lacrção*, que tem no deboche uma de suas marcas, é o ato do contra-poder evidenciado pelo público LGBTQI+ frente às lutas necessárias a sua sobrevivência em uma realidade, por vezes, distópica que desconstrói muito mais que direitos conquistados, retoma *inverdades* que já foram campo de disputas no passado e retomam a cena em uma realidade em que os gêneros e os sexos conseguiram ultrapassar a barreira tecnológica da fluidez.

Conclusão

Essas interseccões que se apresentam fortemente nos coletivos estudados, contribuem para a ideia do termo cunhado aqui para denominar os agrupamentos de jovens. O termo que me refiro aos agrupamentos é “coletivo”, pois trazem consigo um forte teor de aproximações pelos afetos, aqui no sentido das afetações, das lutas, descobertas, inquietações, construções e desconstruções acerca de suas sexualidades e demarcações fluidas dos gêneros, que se mostrou como um fator comum a cada um e cada uma dos coletivos mapeados. É característico a eles a questão das manifestações artísticas promovidas pelos coletivos, muitos são músicos em formação, estudantes de artes ou da comunicação, ou mesmo artistas independentes e artesãos, o que facilita a organização e divulgação dos eventos, pois são conhecedores das articulações e meios necessários para a promoção dos *rolês*.

Enquanto coletivos, eles se organizam para divulgar seus trabalhos artísticos e, junto a isso, promovem eventos que suscitam temas relativos às pautas LGBTQ+ somado à visibilidade de uso de espaços tidos como “perigosos” ou “estranhos” pelos demais habitantes da cidade. Eles promovem a *lacrção* dos corpos. Tais qualificações a esses espaços se dão por serem locais historicamente esquecidos em relação ao seu uso para o lazer e a cultura. Foram, ao longo do tempo, sendo construídos somente como espaço para o comércio que, após o horário de funcionamento do mesmo, perdem sua utilidade. Contudo, são cartões postais da cultura alencarina e trazem consigo grande significado histórico para a cidade e sua identidade. Os *rolês* são amplamente divulgados entre o público jovem (com especial destaque para o público jovem LGBTQI+) de Fortaleza, com forte engajamento da comunidade jovem universitária e artística da cidade. Um perfil bem próximo ao dos integrantes dos coletivos. Nas primeiras aproximações, foi indagado a eles como os coletivos se formaram e a resposta foi que todos eram amigos, que faziam muitas coisas juntos, sofriam juntos, se ajudavam uns aos outros e assim foi surgindo cada coletivo. Porém, ainda problematizando a noção de coletivo ou grupamento, e convergindo com os textos estudados, alguns autores trazem uma noção similar ao tratar de grupos, refletindo, inclusive, sobre as questões que constroem essas aproximações.

Não haveria formação social ou a sociedade se não fosse a existência dos grupos. São eles que denotam identidades que se coletivizam, os grupos se formam por indivíduos que encontram em outros elementos que lhes são comuns, contudo, se tornam diversos e difusos diante da multiplicidade de formas, interações, crenças, valores e tudo mais que compõem as “agregações humanas”. As descobertas sobre as sexualidades, os aprendizados sobre os gêneros e os *rolês* por ruas e praças de Fortaleza, construíram ligações para além das identidades pessoais. Isso foi percebido nas primeiras aproximações com os grupos, que deixou bem claro seus discursos e ações de cunho político. As intervenções nas ruas e praças da cidade são as maiores expressões destas aproximações afetivas que caminham no terreno do político.

A *lacrção*, desta forma, apresenta-se, a meu ver, como uma construção política destas disputas no campo do real e no campo do virtual. O sexo, segundo Preciado (2019), também é político, encontra-se no campo das disputas que ao compasso da história irá denotar maior ou menor visibilidade a ele. São corpos que se constroem ou que são alvos da desconstrução. A *lacrção* é mais um dispositivo dessa disputa em jogo, que terá suas construções ainda desvendadas no caminhas desta pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. 13º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

_____, Pierre. Questões de sociologia. Lisboa: Fim de Século, 2003.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: Feminismo e Subversão da identidade. São Paulo: Civilização Brasileira, 2015.

DAYRELL, Juarez. O jovem como sujeito social. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n.24, p.40-53, set./out./nov./dez. 2003.

FERREIRA, Vitor Sérgio. Pela Encarnação da Sociologia da Juventude. In.: IARA – Revista de Moda, Cultura e Arte. v. 2, nº 2. São Paulo. Out/dez 2009.

FOUCAULT, M. A Ordem do Discurso – aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo, SP: Edições Loyola, 2002.

_____. Vigiar e Punir – Nascimento da Prisão. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2003.

_____. Microfísica do Poder. Rio de Janeiro: Editora Graal, 2004.

_____. Em Defesa da Sociedade – Curso do Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 2005.

GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GEERTZ, Clifford. O saber local: novos ensaios em antropologia interpretativa. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

GROPPO, Luis Antonio. Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro, DIFEL, 2000.

HARVEY, David. A liberdade da cidade. Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações de tomaram as ruas do Brasil. São Paulo: Boitempo – Carta Maior, 2013. P. 26-34.

LE BRETON, David. Antropologia dos sentidos. Petrópolis, RJ: Vozes, 2016.

MARICATO, Ermínia. É a questão urbana, estúpido! In: *Cidades rebeldes: Passe Livre e as manifestações de tomaram as ruas do Brasil*. São Paulo: Boitempo – Carta Maior, 2013. P. 19-26.

PAIS, José Machado. Culturas Juvenis. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2003.

PRAUN, Andrea Gonçalves. Sexualidade, Gênero e suas relações de poder. *Revista Húmus*. São Luiz, n. 01, p. 55-65, jan/fev/mar/ab, 2011.

PRECIADO, Paul B. Ser 'trans' é cruzar uma fronteira política. *In: Coluna Ideias - El País*, 10 de abril de 2019.

RUBIN, Gayle. Pensando sobre sexo: notas para uma teoria radical da política da sexualidade. *Cadernos Pagu*, Campinas: Núcleo de Estudos de Gênero Pagu, n. 21, p. 1-88, 2003.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, n. 2, jul./dez. 1995.

WELLER, Wivian. Juventude e Diversidade: articulando gênero, raça e sexualidade. In: DAYRELL, Juarez; NOGUEIRA, Maria Alice; RESENDE, José Manuel; VIEIRA, Maria Manuel (Org.). *Família, escola e juventude: olhares cruzados Brasil-Portugal*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012. P. 425-444.